



AVANTE GUERREIROS! AS BATALHAS DE CAAÇAPAGUAÇÚ E M'BORORÉ (1639 e 1641)¹

Arianne Miron Chiogna²
Gabriele Rodrigues de Moura³

Resumo:

Até o ano de 1640, as Coroas Ibéricas estavam unidas na dinastia Filipina, o que possibilitou que o Tratado de Tordesilhas, firmado em 1492, não fosse respeitado pelos luso-brasileiros. A questão de fronteira nesta época é muito controversa, há superposições jurídicas entre os bispados do Rio de Janeiro e Corrientes, e os próprios moradores da região não sabiam exatamente os limites fronteiriços imperiais. Isto fez com que houvesse sérios problemas na região, quando se iniciaram as invasões bandeirantes, o que obrigou o governo espanhol a armar os indígenas para defender as fronteiras deste império face às investidas luso-brasileiras⁴. Esta crise foi resolvida, em relação às invasões bandeirantes, no ano de 1641, ano em que ocorre a famosa batalha de M'bororé com a vitória indígena.

Palavras-chave: Fronteiras. Antonio Ruiz de Montoya. Caaçapaguaçú. M'bororé. Milícia Guarani.

1. Introdução

Antes da chegada de portugueses e espanhóis, a região que forma o atual Estado do Rio Grande do Sul já estava sendo habitada por diversas etnias indígenas e suas sub-etnias, desde o ano de 10 mil A.P. Durante este período, alguns desses grupos sofreram o chamado processo de *guaranização*⁵, outros mantiveram suas características, o que depois fez com que diversos missionários denominassem erroneamente os indígenas como

¹ Este trabalho foi proposto como requisito da disciplina de Brasil Colônia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com algumas alterações para a publicação.

² Graduanda do V Semestre no Curso de História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: arianne.chiogna@acad.pucrs.br

³ Mestranda em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bolsista de Pós-Graduação pelo PROSUP/CAPES. Licenciada e Bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mails: gabibirmoura@gmail.com

⁴ Segundo o arqueólogo e historiador Arno Alvarez Kern, quando se funda o bispado do Rio de Janeiro, Portugal consegue junto ao Papa que o território desse bispado seja claramente definido na documentação, e que esse bispado criado pelo Vaticano vá ter os seus limites até a margem esquerda do Rio da Prata, onde hoje é Montevideu, Colônia de Sacramento. Antes mesmo de entrar na região, os portugueses já estavam garantindo documentos para que isso pudesse ser feito. Na realidade são preparativos para a investida e as duas frentes de colonização vão se estabelecer na região. Maiores informações em: KERN, Arno Alvarez. **Missões:** uma utopia política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

⁵ O arqueólogo e historiador Arno Alvarez Kern em seu livro *Antecedentes indígenas*, salienta que alguns dos indígenas da bacia rio-platense sofreram um processo de guaranização, em 2000 A. P, com a chegada dos Guarani, vindos da Amazônia. Jean Tiago Baptista, no entanto, elucida em seu artigo *A visibilidade étnica nos registros coloniais: Missões Guaranis ou Missões Indígenas?*, e, em seus livros *O temporal* e *O eterno* que esta terminologia é equivocada, pois nem todos os indígenas que foram habitar nas missões eram Guarani ou guaranizados. Maiores informações: KERN (1994a.; 2009); NEUMANN (2009); HERBERTS (1998); BAPTISTA (2009a; 2009b; e, 2009c).

Guarani, Charruas, Cabeludos, Pampeanos, Yaros, etc. Criando nomes fictícios para designar cada um desses grupos e diferenciá-los. A conquista espanhola da região platina é iniciada no século XVI, e terá como o século dos missionários, devido à criação dessas missões com os “novos súditos” da Coroa Espanhola, o século XVII. Vale salientar, que até o ano de 1640, as Coroas Ibéricas estavam unidas na dinastia Filipina, o que possibilitou que o Tratado de Tordesilhas, firmado em 1492, não fosse respeitado pelos luso-brasileiros.

A questão de fronteira nesta época é muito controversa, há superposições jurídicas entre os bispados do Rio de Janeiro e Corrientes, e os próprios moradores da região não sabiam exatamente os limites fronteiriços imperiais. Isto faz com que haja sérios problemas na região, quando se iniciam as invasões bandeirantes, o que obriga o governo espanhol a armar os indígenas para defender as fronteiras deste império face às investidas luso-brasileiras. Esta crise será resolvida, ou pelo menos em relação às invasões bandeirantes, no ano de 1641, ano em que ocorre a famosa batalha de M'bororé com a vitória indígena. Além deste importante fator, há também a questão da volta dos escravos de Angola para o Brasil, o que fez com que os bandeirantes perdessem o interesse sobre a mão-de-obra indígena.

Estas primeiras missões, que foram transmigradas para a margem direita do rio Uruguai devido a estas invasões, só regressam ao Estado do Rio Grande do Sul em 1680, quando se iniciará o que os arqueólogos chamam de Missões Jesuítico-Guaranis, que se encontram localizadas na zona dos Sete Povos.

2. A chegada dos primeiros jesuítas espanhóis no Tape

Antes de tratar como foram as Missões da Província Jesuítica do Paraguai, mais especificamente, as do Tape. A região do Tape alguns historicamente, pois consideram, ao que diz Arno Kern

que Tape é região, outros afirmam mesmo que seria uma sub-etnia dentro dos Guaranis. Arqueologicamente seriam grupos que teriam já sofrido um processo de aculturação quando os Guarani chegaram ao contato com os Charrua, exatamente os Charrua. Alguns afirmam mesmo que, não sei porque não fui eu quem fiz a análise, haveria distinção da cultura material entre esses Guarani do Tape, da região do Tape, e os Guarani tradicionais, como se encontra, por exemplo, no vale do rio Uruguai, na zona acima das Missões, na zona do que hoje seria Passo Fundo essa região aí. Não é uma zona ainda de Kaingáng, porque os Kaingáng são refugiados na zona de matas (Comunicação pessoal, 13 de maio de 2009).

Esta citação longa, entretanto, necessária ao presente projeto tem o objetivo de designar historicamente a região do Tape, entende-se, baseado no mapa feito pelo Pe. Carlos Techauer, de 1918, que a região abrangeria geograficamente no atual Estado do Rio Grande do Sul, divididas em duas zonas de missionação: a Banda Oriental do Rio Uruguai

(ou Tape Setentrional) e o Tape propriamente dito (correspondente a Zona Central do Rio Grande do Sul). (TECHAUER, 2002, p.217)

A partir de tais constatações, deve-se fazer uma rápida explanação sobre o momento da chegada dos jesuítas, e os primeiros contatos que estes tiveram com os Guarani, através das missões volantes. Com os insucessos das missões volantes, os Guarani voltavam à selva e aos seus antigos hábitos após o batismo. Observa-se que, por consequência disso, os jesuítas decidiram tentar uma nova forma de conversão ao cristianismo, que se dividia entre os atos de colonizar (civilizar aos moldes espanhóis) para depois cristianizar. *Reduções* dos arqueólogos ou as *Missões* dos historiadores. Essas designação de Missão e Redução são, segundo Arno Kern

foram criados pelos arqueólogos para diferenciar a primeira e a segunda fase do processo missioneiro. Arqueologicamente, tais conceitos foram criados apenas para não haver confusões entre as tipologias da cultura material, entretanto, para uma definição histórica o melhor termo a ser utilizado seria o de Missão (Comunicação pessoal, 13 de maio de 2009).

Conforme Schallenberger (1997, p.162) a evidência adicional para tal confirmação, detalhada mais adiante, acontecia quando os jesuítas convenciam os Guarani a viverem nas chamadas missões, que na visão indígena seriam uma forma de se libertar dos serviços de *encomienda*. Neste sentido, destaca Schallenberger que

as reduções assumiram um caráter de defesa do índio diante dos abusos do colonialismo. Assim, os padres defenderam os índios contra os espanhóis, que há muitos anos ali se encontravam e estabeleceram “desordem e pecados”. Foram os abusos do colonialismo que tornaram a organização reducional possível (SCHALLENBERGER, 1997, p. 81).

Segundo Paula Caleffi (1992), estas reduções surgiram com o intuito de facilitar a evangelização dos guaranis, e romperia com a dispersão existente (quando eram apenas batizados nas missões volantes). Montoya nos dá o conceito de redução, da seguinte maneira

note-se que chamamos de “Reduções” aos “povos” ou povoados de índios que, vivendo a sua antiga usança em selvas, serras e vales, junto a arroios escondidos, em três, quatro ou seis casas apenas, separados uns dos outros em questão de léguas duas, três ou mais, “reduziu-os” a diligência dos padres a povoações não pequenas e à vida política (civilizada) e humana, beneficiando o algodão com que se vistam, porque em geral viviam na desnudez, nem ainda cobrindo o que a natureza ocultou (MONTROYA, 1997, p. 34).

Os primeiros contatos dos jesuítas espanhóis com os indígenas da região, ou os *Tapes*, começaram no ano de 1615, com as primeiras tentativas de Roque González seguir para a margem esquerda do Rio Uruguai. Devido às inúmeras negativas dos indígenas, principalmente dos xamãs, este projeto do jesuíta demorou a se concretizar. Conforme a afirmação do padre Carlos Techauer:

planejando o padre provincial Oñate mais outras fundações, em princípios de 1617 encarregou ele ao padre Roque numa expedição ao Alto-Paraná, que ainda estava por descobrir. É que lá ainda não chegara nenhum europeu, e os próprios neófitos tinham tal medo aos habitantes daquela região que se recusaram terminantemente a acompanhar ao intrépido explorador. E não foi sem razão, pois, cedendo as águas do Paraná à quilha do apóstolo, os selvagens de ambas as margens lhe negaram passagem. Mas venceu também a eles a sua intrepidez apostólica. (TECHAUER, 2002, p. 79)

A chegada de Roque González na região do Tape só foi possível, segundo o historiador Moacyr Flores, pelo fato de que “uma epidemia grassou entre os Guarani do Tape e os xamãs não tendo conseguido a cura, permitiram que Roque González cruzasse o rio Uruguai, portando a imagem de N. Sra. Conquistadora” (FLORES, 2006, p. 25).

3. As missões do Tape

Por volta de 1626, padres jesuítas se deslocam para a região do Tape, com o intuito de instalarem ali missões jesuíticas como uma dilatação das missões do Paraguai. O primeiro povoado criado foi o de São Nicolau do Piratini, no mesmo ano. Conforme Techauer, “soube ele ganhar a simpatia dos índios e, no dia da invenção da Santa Cruz do mesmo ano de 1626, depois de celebrada a missa, arvorou o símbolo da Redução e tomou posse do sítio, a que deu o nome de São Nicolau” (TECHAUER, 2002, p. 84). Ao que salienta o arqueólogo Pedro Augusto Mentz Ribeiro, a criação dessas missões só foi possível, pois,

aos 4 de julho de 1626, foi firmado um acordo entre o Governador da Província do Prata, D. Francisco de Céspedes, e a Companhia de Jesus, representada pelo Padre Roque González de Santa Cruz, em que os padres recebiam autorização das duas coroas (Domínio Espanhol) para fundarem redução (MENTZ RIBEIRO, 1976, p. 05).

A partir disso, além da missão de São Nicolau, foram fundadas nos anos seguintes, tais missões: em 1627, Canelaria (Piratini) e Candelária (Ibicuí); em 1628, Caaró, Assunção e São Francisco Xavier; em 1629, São Mártires do Japão; em 1631, São Carlos; e, em 1633,

Apóstolos. Kern afirma que “a etnia que mais foi tocada, nessa instalação de uma frente de colonização missionária espanhola foi os Guarani, pois representariam a aceitação do projeto da Missão, pois já acostumados a uma vida aldeã, aceitando melhor a migração da aldeia para o povoado missionário” (comunicação pessoal, 13 maio 2009). Tal fenômeno se dividia em duas formas: os indígenas que viam o jesuíta chegar a suas aldeias, e aqueles que procuravam construir pequenos povoados para atrair os missionários, tentando estimular a criação de um povoado definitivo.

No ano de 1628, ocorre um fato importante para a história das missões da região do Tape, pois é quando se encerra o trabalho missionário do padre Roque González, que foi

assassinado junto aos seus companheiros a mando do cacique Neçú, no dia 15 de novembro de 1628. Estes casos de martírio, não foram apenas o de Roque González e seus companheiros, porque cinco anos depois o padre Cristovão de Mendoza é cruelmente assassinado pelos indígenas no Ibia.

Mesmo com estes acontecimentos, ou com a frase “onde o Evangelho entrou sem armas, derramaram o seu sangue cinco sacerdotes da Companhia com insignes martírios” (MONTROYA, 1997, p.49), na introdução de *Conquista Espiritual*, cerca de 18 povoados missionários foram fundados na região, durante as décadas de 20 e 30 do século XVII. Entretanto, este número considerável de missões fundadas não pode ser considerado um êxito dos jesuítas, pois quando começaram a pôr em prática as suas idéias de sociedade dentro dos povoados, ocorreram os ataques bandeirantes.

4. A invasão bandeirante e a destruição das missões

Quando Antônio Raposo Tavares inicia as invasões a região do Tape, os povoados são avisados e o grito de socorro chega até Buenos Aires e Assunção. Não há somente uma tentativa de defesa por partes dessas missões. O arqueólogo Pedro Mentz Ribeiro (1976, p.01) encontrou algumas aldeias, principalmente a missão de Jesus-Maria escavada por ele, protegidas por muros feitos de taipa, com troncos de árvores e uma pequena elevação de terra e pedra, para a defesa dos povoados. Como solução para escapar da escravidão e da morte, vinda com as invasões bandeirantes, jesuítas e seus indígenas fugiram para a região mesopotâmica argentina. Segundo Kern, a região mesopotâmica encontra-se entre os rios Uruguai e Paraná, e era vista como uma zona de defesa aos ataques bandeirantes. Entre os anos de 1631 (êxodo Guaireño) e 1638-39 (êxodo Tapeano) houve duas fugas missioneiras face às investidas bandeirantes,

tendo o rio Uruguai como defesa, essas missões de Guaraní provaram que poderiam fazer face à investida bandeirante. Se de novo os bandeirantes atacassem, eles atacariam numa situação difícil. Primeiro, teriam de atravessar o rio, para depois, conseguirem fazer face aos soldados armados, com arcabuzes e tal, do outro lado”. (Comunicação pessoal, 13 de maio de 2009).

Os jesuítas optaram por defender seus indígenas, enfrentando junto a eles as duas frentes de colonização luso-espanhola, tornando-se mais forte esta proteção por parte dos jesuítas, no momento em que as missões do Tape são destruídas. Em meio ao caos, os jesuítas assumem o papel de novos pais ou pajés destes indígenas. Este papel paternal, resultou na ida do Pe. Montoya à Corte de Madrid, no ano de 1638, visando a defesa do armamento indígena para fazer frente às investidas bandeirantes.

5. Antonio Ruiz de Montoya e a defesa do armamento indígena perante o Rei

Entre os anos de 1620 e os anos 1630, os bandeirantes paulistas arrasaram as missões da primeira fase nas províncias do Guairá, Itatim e Tape, atuais estados do Paraná, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul, respectivamente. Tal situação, fez com que os jesuítas vislumbrassem armar os indígenas para defenderem-se e defender o espaço onde habitavam. Mas, para armá-los e conseguir este armamento de maneira definitiva, havia necessidade de iniciar um processo e, para tanto, foi enviado a Corte de Madrid o padre Antonio Ruiz de Montoya S.J.⁶.

Durante os anos em que teve de ficar na Corte espanhola, 1638 até 1643, Ruiz de Montoya não ficou alheio aos acontecimentos ocorridos na Província Jesuítica do Paraguai, o que o auxiliava durante o processo, devido ao fato de receber constantemente informações atualizadas para incluir nos memoriais que continuava enviando à Corte e ao Conselho das Índias (AGUILAR, 2001, p. 342).

Com isto, obteve em 1643 a autorização do rei Felipe IV da Espanha e do Vice-Rei do Peru, para que os indígenas fossem armados com pólvora, balas, arcabuzes, etc., além do armamento tradicional dos indígenas como arcos, flechas, macanas, boleadeiras, tacapes, fundas, etc. Mas, o armamento era mais urgente que as decisões da *Junta de Guerra* e as decisões do Vice-Rei, então devido aos ataques e ao fato que inclusive de cidades espanholas terem sido destruídas, o governador de Buenos Aires, libera cerca de três mil armas de fogo para os indígenas, que conseguem a sua primeira vitória sobre os bandeirantes na Batalha de Caaçapaguacú, em 1639⁷.

6. *Avante Guerreiros! A fuga para a região mesopotâmica argentina*

O século XVII foi uma época em que as grandes lavouras de açúcar do Nordeste estavam ocupadas pelos holandeses, o mercado de mão-de-obra negra, escrava, de Angola, pertencia aos holandeses também, então, eles tinham acesso aos escravos necessários à produção açucareira do Nordeste, que eles dominavam. Ao que diz Kern, em sua entrevista “aos bandeirantes, restava vir ao Sul buscar mão-de-obra indígena para esses engenhos de açúcar, que agora os portugueses começam a instalar no sul da Bahia, no Espírito Santo, no litoral do Estado do Rio de Janeiro, e no litoral de São Paulo”

⁶ Este jesuíta foi responsável pela transmigração guairenha, em 1631, para as regiões do Tape, Itatim e a mesopotâmia argentina (entre os rios Uruguai e Paraná). Ver mais em: MOURA, Gabriele Rodrigues de. “Qualquer dia estes padres vão amanhecer sem cabeça”: O Guairá como palco de representações no livro *Conquista Espiritual*, 2008. 99 f. Monografia (Bacharelado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008; AGUILAR, Jurandir Coronado. *Conquista espiritual: a história da evangelização na Província Guairá* na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S. I. (1585-1652). Roma/Itália: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2002; QUEVEDO DOS SANTOS, Júlio Ricardo. As Missões Jesuítico-Guaranis. In: CAMARGO, Fernando; GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloísa (dir.) *Colônia*. Passo Fundo: Livraria e Editora Méritos, 2006; dentre outros

⁷ Tais considerações são baseadas no que Arno Kern salienta sobre a formação da milícia Guarani e a sua transformação em exército de fronteira. Mais detalhes em: KERN, Arno Alvarez. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

(comunicação pessoal, 13 de maio de 2009). Por não existirem escravos negros para os seus engenhos, a solução seria escravizar o indígena. Em decorrência disso, da fuga para a região mesopotâmica entre os rios Paraná e Uruguai, conforme o historiador Eduardo Neumann

por ser nesta época que pela primeira vez é feita a concessão de armas de fogo aos guaranis sob a tutela jesuítica, o que possibilitou o rechaço às investidas bandeirantes que quase inviabilizaram a experiência reducional jesuítica em terras rio-platenses. Assim, em 1641, quando ocorre a Batalha de M'bororé, os bandeirantes paulistas foram derrotados pela 'milícia guarani' orientada pelos jesuítas. A partir deste confronto, os bandeirantes poucas vezes voltaram a investir contra a Província Jesuítica (NEUMANN, 1996, p.16).

Esta crise criada pelas invasões dos bandeirantes só seria resolvida no ano de 1641, quando ocorre a famosa batalha de M'bororé com a vitória indígena.

7. A expulsão dos bandeirantes e a formação de um exército "Guarani"

Os indígenas tornaram-se uma opção para a defesa das fronteiras espanholas frente ao império português, depois da Batalha de Caaçapaguaçu, por três motivos: primeiro, tão logo a batalha terminou, as armas foram recolhidas sem que nenhum indígena tivesse as utilizado contra os espanhóis; segundo, por não haver soldados espanhóis suficientes na região, a província estava a mercê sem a menor defesa; e, terceiro, no momento em que Portugal volta a ser um país independente em 1640, a questão de fronteira fica mais complexa.

O rei de Espanha sempre apoiou os jesuítas, pois vias as missões como uma forma de defesa das fronteiras espanholas, impedindo o avanço dos bandeirantes. Assim, quando eles pediram a revogação da proibição do uso de armas pelos indígenas, o rei acedeu. A fim de enfrentar novos ataques paulistas, resolveu-se formar um exército guarani. Todas as pessoas receberam treinamento militar. Um dos jesuítas que mais se destacou nesta tarefa foi Domingos de Torres, chamado de "mestre dos índios no manejo das armas de fogo". Os guarani já não eram os inofensivos indígenas, presas fáceis dos caçadores paulistas. Com tropas treinadas, puderam vencê-los em duas batalhas importantes, a de Caaçapa-mirim, em 1638, e a de Caaçapaguaçu, em 1639. Dois anos depois já tinham um verdadeiro exército de 4 mil homens, comandados pelo cacique Inácio Abiaru, que derrotou a bandeira de Jerônimo de Barros na famosa batalha de Mbororé (PREZIA; HOOMAERT, 2000)

A vitória indígena em Caaçapaguaçu surpreendeu os bandeirantes e os ofendeu, fazendo com que:

Os paulistas indignados com a reação dos reduzidos organizaram, em 1640, outra bandeira, liderada por Jerônimo Pedroso de Barros. Seu objetivo continuava a ser o de escravizar índios e, também, resgatar os doze paulistas presos. Entretanto, a retaguarda indígena estava organizada e, em 1641, essa bandeira foi derrotada em M'bororé, pequeno afluente do rio Uruguai, coibindo definitivamente a ação dos bandeirantes na região do Tape (QUEVEDO DOS SANTOS, 2006, p. 112).

A Batalha de M'bororé durou uma semana, entre os dias 11 a 18 de março de 1641, nas proximidades da missão de São Francisco Xavier. Essa milícia indígena armada conseguiram com os soldados infantes guerreando a pé, e um número muito grande de pessoas envolvidas. Segundo a documentação, mais ou menos, quinhentos bandeirantes, mil ou mil e quinhentos Tupi, contra uns dois mil ou três mil indígenas missionários, travaram uma batalha impressionante na região e os bandeirantes foram derrotados. Este episódio foi o capítulo final da intensa "oposição entre os jesuítas e bandeirantes até 1641, quando estes últimos empurraram, violentamente, os limites do mundo colonial espanhol para o oeste" (KERN, 1982, p.158).

Os problemas com os bandeirantes estavam encerrados e, a milícia ao longo da segunda metade do século XVII se tornaria um exército de fronteira, que resolveria revoltas, como a do Bispo de Cardenás (1645) ou de indígenas rebeldes, da mesma maneira que atacaria muitas vezes a Colônia de Sacramento (1680).

8. Considerações finais

Inicialmente, se pode concluir que as invasões bandeirantes e a destruição das missões do Tape, como também do Guairá anteriormente, foram o motivo principal que levou Pe. Montoya à Corte de Madrid, em 1638, para defender os seus indígenas cristianizados e aterrorizados com a morte e a destruição de suas casas, de seus novos hábitos, e de todas as coisas que passaram a acreditar. Mas, deve-se entender que tais invasões estavam inseridas dentro de um contexto histórico, onde a mão-de-obra escrava, proveniente de Angola estava em poder dos holandeses, o que de certa forma obrigaria os bandeirantes paulistas a criarem um novo tipo de escravidão para sanar suas necessidades econômicas. Além de que a união das coroas ibéricas, até o ano de 1640, facilitava a circulação entre as fronteiras do Tratado de Tordesilhas.

A questão de fronteira era bastante complexa e as missões acabaram assumindo uma posição fronteira com as colônias portuguesas, o que acabava atraindo o interesse dos bandeirantes pela mão-de-obra indígena que estava reunida nestes espaços de conversão ao cristianismo. Além de conseguirem mão-de-obra indígena para os seus engenhos de cana de açúcar, os bandeirantes acabavam ampliando as fronteiras do império português, o que não poderia ser evitado pela ausência de contingente no exército espanhol na colônia e, total descaso das autoridades perante as atrocidades que eram cometidas contra os indígenas.

Quando cidades espanholas foram devastadas pelos bandeirantes, os colonos espanhóis se deram conta de que o auxílio dos indígenas para a defesa de suas fronteiras seria uma solução para os problemas. O exército indígena foi formado, a princípio, para a

defesa das missões, mas acabou sendo bem mais do que isso. Ao defenderem as missões, estavam defendendo os limites de fronteira do império espanhol. Era uma fronteira de idas e vindas, sem limites definidos e jurisdições sobrepondo-se, tratados e mais tratados sendo feitos e, conflitos, convivências e interações. Esta defesa fronteiriça no século XVIII trouxe suas conseqüências com a Guerra Guaranítica, pois os indígenas não compreendiam como o seu maior cacique, o Rei da Espanha, entregava terras aos seus maiores inimigos, os portugueses.

Referências

- AGUILAR, Jurandir Coronado. Conquista espiritual: a história da evangelização na Província Guairá na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S. I. (1585-1652). Roma/Itália: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2002.
- BAPTISTA, Jean T. A visibilidade étnica nos registros coloniais: Missões Guaranis ou Missões Indígenas? In: GOLIN, Tau; SANTOS, Maria Cristina dos; KERN, Arno Alvarez (dir.) Povos Indígenas. Passo Fundo: Livraria e Editora Méritos, 2009a. p. 207-228 (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul – Vol. 5)
- _____. O Temporal: sociedades e espaços missionais. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009b. 226 p. (Dossiês Históricos do Museu das Missões; 1)
- _____. O Eterno: crenças e práticas missionais. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009c. 264 p. (Dossiês Históricos do Museu das Missões; 2)
- CALEFFI, Paula. O traçado das reduções jesuíticas e a transformação de conceitos culturais. Véritas, Porto Alegre, vol. 37, nº 145, p. 89-94, março/1992.
- FLORES, Moacyr. História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ediplat, 2003.
- HERBERTS, Ana Lucia. Os Mbyá-Guaicurú: área, assentamento, subsistência e cultura material, 1998. 345 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1998.
- KERN, Arno Alvarez. Missões: uma utopia política. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- _____. Antecedentes indígenas. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1994. 137 p. (Síntese Rio-Grandense: 16/17).
- KERN, Arno A. Do pré-urbano ao urbano: A primeira fase das Reduções na Província do Tape. Entrevista [13 de maio de 2009]. Entrevistadora: Gabriele Rodrigues de Moura. Porto Alegre: PUCRS/CPHO, 2009a. 1CD-R (34min e 45seg), estéreo. Entrevista concedida para a disciplina de Estágio II (bacharelado) do Curso de História da PUCRS.
- MOURA, Gabriele Rodrigues de. “Qualquer dia estes padres vão amanhecer sem cabeça”: O Guairá como palco de representações no livro *Conquista Espiritual*, 2008. 99 f. Monografia (Bacharelado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- NEUMANN, Eduardo. O trabalho guarani missionário no rio da Prata colonial, 1640-1750. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996. 156 p.
- PREZIA, Benedito; HOOMAERT, Eduardo. Brasil Indígena: 500 anos de resistência. São Paulo: FTD, 2000. Disponível em: <<http://geocities.ws/terrabrasileira/contatos/militar.html>>. Acesso em 03 de fevereiro de 2011.

- QUEVEDO DOS SANTOS, Júlio Ricardo. As Missões Jesuítico-Guaranis. In: CAMARGO, Fernando; GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloísa (dir.) Colônia. Passo Fundo: Livraria e Editora Méritos, 2006.
- RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. A redução de Jesus Maria, Candelária, RS – Nota Prévia – 1976. Santa Cruz do Sul: Museu do Colégio Mauá, 1976. 60 p.
- RUIZ DE MONTROYA, Antonio. Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape. 2ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1997. 294 p.
- SCHALLENBERGER, Erneldo. A integração do Prata no sistema colonial: colonialismo interno e missões jesuíticas do Guairá. Toledo: Editora Toledo, 1997. 247 p.
- TECHAUER, Carlos. História do Rio Grande do Sul dos dois primeiros séculos. (Volume 1) 2ª Ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2002. 217 p. (Coleção Fisionomia Gaúcha)